



O rei Creso

HERÓDOTO

Há alguns milhares de anos, viveu na Ásia um rei cujo nome era Creso. Seu país não era muito grande, mas o povo era próspero e famoso por sua própria riqueza. O próprio monarca era tido como o homem mais rico do mundo, e seu nome era tão conhecido que, até hoje, não é raro ouvir dizer que alguém muito abastado é “tão rico quanto Creso”.

O rei Creso tinha tudo que o tornava feliz: terras, casas, escravos, lindas roupas e muitas coisas bonitas para ver. Não conseguia pensar em mais nada que viesse a contribuir para o seu conforto ou contentamento. “Sou o homem mais feliz do mundo”, dizia ele.

Acontece que, num certo verão, um homem importante do outro lado do oceano estava passeando pela Ásia. O nome deste homem era Sólon. ele era o magistrado de Atenas, na Grécia. Tornara-se conhecido por sua sabedoria e, séculos depois de sua morte, o maior elogio que se poderia fazer a um homem culto era: “Ele é tão sábio quanto Sólon”.

Sólon ouvira falar de Creso e foi visitá-lo um dia em seu lindo palácio. Este ficou ainda mais feliz e orgulhoso do que nunca, pois o homem mais sábio do mundo era seu hóspede. Mostrou o palácio todo a Sólon, levou-o a ver os grandiosos aposentos, a linda tapeçaria, os sofás confortáveis, o rico mobiliário, os quadros, os livros. Convidou-o depois a ir até os jardins, os pomares e as estrebarias, e mostrou-lhe milhares de coisas raras e lindas que colecionava de todas as partes do mundo.

À noite, enquanto o homem mais sábio do mundo e o homem mais rico do mundo jantavam juntos, o rei disse para o hóspede: — Diz agora, ó Sólon, quem achas que é o homem mais feliz do mundo? — Fez a pergunta na esperança de que Sólon respondesse: “Creso”.

O sábio permaneceu alguns instantes em silêncio , e disse: – Estou pensando num homem pobre que morava em Atenas e cujo nome era Teleus. Ele, não duvido, era o homem mais feliz do mundo.

Não era assa resposta que Creso esperava; escondeu, porém, a decepção e perguntou: – E por quê?

O hóspede respondeu: – Porque Teleus era um homem honesto que trabalhou bastante a vida inteira para criar os filhos e dirlhes uma boa educação. E quando já estavam crescidos o suficiente para cuidarem de si próprios, foi juntar-se ao exército ateniano e deu a própria vida com bravura em defesa de seu país. Podeis pensar em alguém com maior mérito?

– Talvez não – respondeu Creso, meio engasgado pela decepção. – Mas quem achas que vem depois de Telus em termos de felicidade?
– Tinha quase certeza de que Sólon diria: “Creso” desta vez.

Sólon respondeu: — Estou pensando em dois jovens que conheci na Grécia. O pai morreu quando ainda eram crianças, e era uma família muito pobre. Mas trabalharam com hombridade para sustentar o lar e a mãe, que tinha a saúde frágil. ano após ano, seguiam trabalhando, sem pensar em nada além do conforto da mãe. Quando, afinal, ela faleceu, dedicaram seu amor à Atenas, sua cidade natal, e serviram-na com nobreza até o fim de suas dias.

Creso ficou irritado: — Como podeis fazer tão pouco de mim, de minha riqueza e de meu poder? Por que me coloca esses trabalhadores pobres acima do rei mais rico do mundo?

— Ó rei — disse Sólon, — ninguém pode dizer se sois feliz ou não antes de morrerdes. Pois não se sabe os infortúnios que podem acometer-vos, ou a tristeza que é capaz de dominar-vos mesmo diante de todo este esplendor.

Muitos anos depois deste episódio, chegou ao poder na Ásia um rei cujo nome era Ciro. À frente de poderoso exército, marchava de um país para outro, destronando muitos reis e anexando seus domínios ao grande império da Babilônia. O rei Creso, com toda a sua riqueza, não conseguiu fazer frente a este valoroso guerreiro. Resistiu o mais que pôde. Mas a cidade acabou sendo tomada, o palácio foi queimado, os pomares e os jardins foram destruídos, os tesouros levados para bem distante, e ele próprio foi feito prisioneiro.

— A teimosia deste Creso — disse o rei Ciro — casou-nos vários problemas e fez-nos perder soldados muito bons. Levem-no e façam dele um exemplo para outros reizinhos que ousem colocar-se em nosso caminho.

Dito isto, os soldados pegaram Creso e o arrastaram até o mercado, tratando-o sempre com muita brutalidade. E ali ergueram enorme pilha de pedaços de pau e madeira recolhidos dentre as ruínas do que fora seu magnífico palácio.

Ao terminarem, amarraram sobre ela o infeliz rei, e alguém foi buscar uma tocha para atear-lhe fogo.

– Vamos fazer uma linda fogueira
– diziam os homens entusiasmados com a selvageria. – De que lhe serve toda aquela riqueza agora?

Enquanto jazia sobre a pira, machucado e ensanguentado, sem um amigo sequer para consolá-lo no desespero, Creso pensou nas palavras que Sólon lhe dissera muitos anos antes, “ninguém pode dizer se sois feliz ou não antes de morrerdes”, e lamentou-se: – Oh, Sólon! Oh, Sólon! Oh, Sólon!

Acontece que Ciro estava passando por ali naquele exato momento e ouviu os lamentos. – O que ele está dizendo? – perguntou aos soldados.

— Está dizendo: “Sólon! Sólon! Sólon!” — respondeu um deles.

O rei aproximou a montaria e perguntou a Creso: — Por que pronuncias o nome de Sólon? Creso ficou em silêncio a princípio. Mas depois que Ciro repetiu a pergunta com delicadeza, contou-lhe sobre a visita de Sólon ao seu palácio e o que este lhe dissera.

A história afetou Ciro profundamente. ele pensou nas palavras “Não se sabe os infortúnios que podem acometer-vos, ou a tristeza que é capaz de dominar-vos mesmo diante de todo este esplendor”. E imaginou se um dia ele próprio não poderia perder todo o poder e encontrar-se desamparado nas mãos dos inimigos.

– Afinal – disse ele –, os homens não devem ser misericordiosos e generosos com aqueles que sofrem? Farei com Creso o que gostaria que fizessem comigo. – e fez com que Creso recebesse de volta a liberdade, e passou a tratá-lo como um de seus amigos mais honrados.

